



TÁ TUDO MUDANDO: UM ENCONTRO POÉTICO. TRANSFIGURAÇÕES DA POESIA DE BOB DYLAN E ZÉ RAMALHO

TÁ TUDO MUDANDO: MEETING POETIC. TRANSFIGURATIONS POETRY OF BOB DYLAN AND ZÉ RAMALHO

Maria das Dores Valentim Alves¹

RESUMO: Neste trabalho apresentamos uma das possíveis leituras e interfaces da obra de arte, bem como a presença de elementos intertextuais entre a literatura e a música, e entre a música e as várias formas de expressão da cultura, que pode se manifestar de diferentes modos em vários lugares, como é o caso das traduções feitas por Zé Ramalho, em seu álbum *Ta Tudo Mudando* (2008), de algumas poesias/músicas do poeta Bob Dylan. Para tanto, há que se considerar que a tradução envolve, no caso de uma música, alguns aspectos pertinentes a essa forma de arte. Das obras escolhidas por Zé Ramalho para compor o álbum *Ta Tudo Mudando*, apenas duas serão apresentadas nesse estudo: *Higwam* (1970), que recebeu na versão de Ramalho o título *Para Dylan*, e *Blowing in the Wind* (1967) traduzida como *O Vento Vai Responder* (2008).

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; tradução, diálogo; folclore.

ABSTRACT: This work presents one of the possible readings and interfaces of the work of art as well as the presence of intertextual elements from the literature and music, and between music and various forms of cultural expression, which may manifest itself in different ways at different places, as is the case of translations made by Zé Ramalho, on his album *Ta tudo mudando* (2008), some poems / songs of the poet Bob Dylan. For this, we must consider that if the translation involves, in the case of music, some relevant aspects to this art form. The works chosen by Zé Ramalho to compose the album *Ta Tudo Mudando*, only two will be presented in this study: *Higwam* (1970), who received the version of the title Ramalho *Para Dylan* and *Blowing in the Wind* (1967) translated as: *O Vento Vai Responder* (2008).

KEY WORDS: poetry, translation, dialogue; folklore

1. INTRODUÇÃO

A literatura e a música, bem como o cinema e as artes plásticas, carregam em seu bojo o gene da intertextualidade, do dialogismo. Emblemáticos, elencam em si os sentimentos universais. Neles se mesclam e se multiplicam diferentes dizeres que se fundam na linguagem verbal, imagens e sons. Nessas expressões múltiplas e polifônicas desenham-se significados da sociedade e do imaginário humano. Esses significados que extrapolam as barreiras do tempo e do

¹ Mestranda em Letras -Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: mel.valen@hotmail.com



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

espaço, assumem novos contornos no grande tempo, no cosmo das vivências sociais. São retomados pela obra de arte, pois são formas de questionamentos do homem em seu próprio existir. Por isso, reconfiguram-se, transmutam-se, mas o seu grande tema, sua significância é a vida, ciclo permanente de dualidades.

Zé Ramalho e Bob Dylan têm em comum os versos discursivos e o canto quase falado, além da temática política e visionária e da utilização de instrumentos e ritmos representativos de suas culturas de origem. Em algum ponto a poesia de Zé Ramalho encontra a poesia de Bob Dylan, pois ambas são universais, guardam em si as marcas do folclore, das raízes da cultura oral. Em ambos os poetas, há um ponto no qual os elementos da cultura popular e da cultura erudita se encontram, é a tradição da poesia, é o ponto pelo qual as multifacetadas formas de expressão do pensamento humano convergem, comungam de significados. Bob Dylan, leitor de Dylan Thomas, de quem “herdou” o nome, e de Rimbaud, Eliot, Kerouac entre outros, tem a poesia carregada de elementos metafóricos e de uma sutileza no jogo de linguagem que o coloca em posição de destaque como representante de uma geração de poetas da contracultura. Os versos de Dylan como os desses outros poetas citados, refletem um profundo desgosto pela busca de *status* materiais e um anseio da libertação em outra dimensão da realidade, em outra voz; e como bem diz Octávio Paz, (1993), a outra voz é a poesia.

2. EM DIÁLOGO: A POESIA DE DYLAN THOMAS, BOB DYLAN E ZÉ RAMALHO

Robert Allen Zimmerman iniciou cedo suas composições. Aos dez anos escreveu seu primeiro poema, ainda na adolescência se auto-instruiu em piano e guitarra e formou suas próprias bandas. O músico começou a se apresentar como artista solo, já com trabalho próprio, em bares locais, em posse de um violão e uma gaita, expressando uma voz nasal que se tornaria sua marca registrada. Foi em torno dessa época, também, que ele adotou o nome artístico de Bob Dylan. No ano posterior, largou a universidade e mudou-se para Nova Iorque até que, em novembro de 1961, assinou seu primeiro contrato, com a Columbia Records. O resultado, lançado no início de 1962, foi um disco sombrio e obsessivo, que soava mais como o trabalho de um cantor negro de blues do que de um jovem artista.

Das obras escolhidas por Zé Ramalho na para compor o álbum *Ta Tudo Mudando*, apenas duas serão apresentadas neste estudo, elas servirão de objetos para melhor compreensão dos



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

aspectos da tradução, bem como para ilustrar o diálogo contínuo entre as várias formas da arte através dos tempos. As distâncias espaciais e culturais entre o Brasil e os EUA, não são de modo algum barreiras limitantes para esse diálogo ao contrário. Em *A Estética da Criação Verbal* (2003, p. 366) Bakhtin nos revela que o distanciamento temporal e espacial é um elemento significativo para a compreensão mais ampla das manifestações da cultura.

No campo da cultura, a distância é a alavanca mais poderosa da compreensão. A cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade (mas não em toda plenitude por que virão outras culturas que a verão e compreenderão ainda mais) aos olhos de outra cultura. Um sentido só revela a sua profundidade encontrando e se contactando com outro, com o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de diálogo que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas. Colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nelas procuramos respostas a essas questões, e a cultura do outro nos responde revelando-nos seus novos aspectos, novas profundidades de sentido. Sem levantar nossas questões não podemos compreender nada do outro de modo criativo. Nesse encontro dialógico de duas culturas, elas não se fundem nem se confundem: cada uma mantém sua unidade e sua integridade aberta, mas elas se enriquecem mutuamente. (BAKHTIN, 2003, p. 366).

Ao criar versões para as músicas de Bob Dylan, Zé Ramalho inseriu-se na cultura do outro e a cultura do outro se impregnou do novo, daquilo que foi a ela agregado, não deixando de ser o que era, mas ao mesmo tempo enriquecida; transformada passou a ser também outra coisa, a cultura do outro. Os modos de cantar de Bob Dylan conservam uma tendência épica, característica da *folk music* e das músicas enraizadas na cultura oral, também Zé Ramalho carregou suas baterias no folclore, nos modelos da cultura oral de seu país. O que une os dois poetas é a poesia, que segundo Otávio Paz (1993) não procura a imortalidade e sim a ressurreição.

And Death Shall Have No Dominion

And death shall have no dominion.
 Dead mean naked they shall be one
 With the man in the wind and the west moon;
 When their bones are picked clean and the clean bones gone,
 They shall have stars at elbow and foot;
 Though they go mad they shall be sane,
 Though they sink through the sea they shall rise again;
 Though lovers be lost love shall not;
 And death shall have no dominion.

Maria das Dores Valentim Alves



And death shall have no dominion.
 Under the windings of the sea
 They lying long shall not die windily;
 Twisting on racks when sinews give way,
 Strapped to a wheel, yet they shall not break;
 Faith in their hands shall snap in two,
 And the unicorn evils run them through;
 Split all ends up they shan't crack;
 And death shall have no dominion.
 And death shall have no dominion.
 No more may gulls cry at their ears
 Or waves break loud on the seashores;
 Where blew a flower may a flower no more
 Lift its head to the blows of the rain;
 Through they be mad and dead as nails,
 Heads of the characters hammer through daisies;
 Break in the sun till the sun breaks down,
 And death shall have no dominion.
 (Thomas Dylan)

Blowin' in The Wind

How many roads must a man walk down
 before you call him a man?
 How many seas must a white dove sail,
 before she sleeps in the sand?
 Yes, 'N' how many times must the cannon balls fly
 before they're forever banned?
 The answer, my friend, is blowin' in the wind.
 The answer is blowin' in the wind.
 Yes and how many years can a mountain exist
 before it is washed to the sea?
 Yes, and how many years can some people exist
 before they're allowed to be free?
 Yes and how many times can a man turn his head
 and pretend that he just doesn't see?
 Yes, and how many times must a man look up
 before he can see the sky?
 Yes, and how many ears must one man have
 before he can hear people cry?
 Yes, and how many deaths will it takes till he knows
 that too many people have died?
 (Dylan, Bob)
 O vento Vai responder
 Quantos caminhos se tem que andar
 Antes de tornar-se alguém
 Quantos dos mares temos que atravessar
 Pra poder na areia, descansar.

Maria das Dores Valentim Alves



Quantas mais balas perdidas voarão
 Antes de desaparecer
 Escute o que diz, o vento my friend
 O vento vai responder
 Quantas vezes olharemos o céu
 Antes de saber enxergar
 Quantos ouvidos terá o poder
 Para poder ouvir o povo chorar
 Quantas mais mortes o crime fará
 Antes de se satisfazer
 Escute o que diz, o vento my friend
 O vento vai responder
 Quantos anos pode uma montanha existir
 Antes do mar lhe cobrir
 Quantos seres ainda irão torturar
 Antes de se libertar
 Quantas cabeças viraram assim
 Fingindo não poderem ver
 Escute o que diz, o vento my friend
 O vento vai responder.
 (Ramalho, Zé)

Eternas ondas

Quanto tempo temos antes de voltarem aquelas ondas
 Que vieram como gotas em silêncio tão furioso;

Derrubando homens entre outros animais,
 Devastando a sede desses matagais;
 Devorando árvores, pensamentos seguindo
 A linha do que foi escrito pelo mesmo lábio tão furioso.

E se teu amigo vento não te procurar
 É porque multidões ele foi arrastar.
 (Ramalho, Zé).

A menção dos elementos naturais, principalmente do vento como mensageiro, seja no ritmo da poesia ou pelas metáforas dos termos empregados no poema, é recorrente na obra dos três poetas, porém essa não é a única afinidade entre eles, os temas, os ritmos como podemos observar, nos versos acima destacados, revelam uma identidade entre as escrituras, além disso, no caso das músicas de Bob Dylan e de Zé Ramalho um ponto outro de convergência é a utilização de instrumentos populares. Em *No Direction Home Bob Dylan* (2005), filme dirigido por Martin Scorsese, Dylan declara que sua música não é original, ela é forjada nas raízes das manifestações da cultura musical de sua gente. Quanto ao poeta Zé Ramalho, sua música dialoga com a cultura

Maria das Dores Valentim Alves



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

popular, por meio de imagens míticas, inspiradas em repentistas e poetas como o paraibano Zé Limeira (poeta do absurdo), um dos mais representativos poetas de nossa cultura oral, com a literatura de cordel e o martelo agalopado, (ritmo musical da poesia nordestina), e também com as obras de poetas como o irlandês William Yeats, com Homero e com a mitologia grega. A obra de arte segue sempre citando outras, o próprio artista, assim como sua arte, se faz daquilo que já existiu antes de si e também daquilo que vai para além.

Wigwam/ Para Dylan

Não bastasse o poeta
 Ser a faca da noite
 não bastasse o açoite
 da mulher predileta
 não bastasse o profeta
 se vingar do futuro
 e os lamentos do muro
 na passagem secreta
 e eu te vejo assim
 como uma vela que acende
 ou como disse Elton John:
 like a candle in the Wind
 e eu não sei se terá fim
 se és a última irmã
 és a lágrima das trevas
 e a luz dessa manhã
 e eu te vejo assim
 como uma vela que acende
 ou como disse Elton John>
 like a candle in the Wind
 e eu não sei se terá fim
 se és a última irmã
 és a lágrima das trevas e a luz dessa manhã

Muitos outros músicos já haviam escrito antes de Zé Ramalho letras para essa música instrumental de Dylan, essa é a única música inédita gravada no Cd de Zé Ramalho *Ta Tudo Mudando*. As poesias musicais de Dylan guardam algumas décadas, o que pode parecer curto intervalo para que elas estejam inseridas no grande tempo. Porém o tempo das artes não é o tempo percebido nessa cronologia que materialmente convenciamos obedecer. Assim sendo, podemos ainda nos valer dos conceitos do filósofo Russo Mikhail Bakhtin. Segundo ele, no que tange o diálogo da arte no tempo e no espaço, embora o contexto seja importante elemento a



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

considerar para a compreensão da obra de arte, este não deve limitar a suas possibilidades de interpretação:

Quando tentamos interpretar ou explicar uma obra apenas a partir das condições de sua época, apenas das condições da época mais próxima, nunca penetramos nas profundezas de seus sentidos. (BAKHTIN, 2003, p. 362)

O tradutor é antes de tudo um intérprete, que toma como ponto de partida para a construção de sentidos de uma obra, o caos aparente dos signos. Traduzir é apropriar-se do passado de modo livre, a fim de se construir uma rede de significados sobre a obra ou obras de origem. Tais significações surgem deste passado que reverbera na obra artística traduzida. A tradução enquanto objeto restaurativo descrito por Walter Benjamin (1994); configura um movimento incompleto e inacabado de retorno à memória do passado: o movimento de restaurar pressupõe imediatamente o da destruição.

Tudo o que importa é o eterno movimento que há por trás da poesia, a vasta corrente subterrânea da dor, da loucura, da pretensão, da exaltação ou da ignorância humana, por mais sublime que seja a intenção do poeta. (Dylan Thomas).

Ao contrário de “pôr em lugar diferente” um texto primeiro, a tradução compreende a transcrição do código. Neste processo, o tradutor buscará estabelecer a equivalência de sentidos entre estes dois códigos distintos, ao mesmo tempo em que, inevitavelmente, adicionará suas reflexões ao texto traduzido. Ao efetuar a transposição de um código para outro, ocorrerá uma ruptura da forma primeira na qual está materializado o tema, de modo que, como aponta Sebastião Uchoa Leite, traduzir um texto noutra língua é, pois, criar outro texto. Neste caso o tradutor se empenhará em criar não as palavras do texto, mas o conteúdo que nele se imprime como alegoria da vida, e o que era interpretação surge aqui como nova produção de sentido (UCHOA LEITE, 1995, p. 12).

A mudança do código da tradução implica em uma nova criação, pois a obra primeira passa, em seu processo de tradução por uma nova significação, intrinsecamente ligada aos seus meios de produção, neles se inserem as relações sociais e culturais mantidas ou não no meio e a visão do artista; plástica, filosófica, política. Entre a obra primeira e a obra traduzida há um distanciamento que permite a ela assumir sua originalidade naquilo que se revela diálogo e



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

também naquilo que a torna infiel em relação à obra primeira. Os diálogos estabelecidos entre as produções literárias e musicais são possibilitados de maneiras infinitas, pois ao traduzir o sentido de um texto em palavras e sons, as possibilidades das matérias artísticas são inesgotáveis, pois sempre haverá algo novo ainda a ser percebido, inventado ou descoberto. Neles coexiste passado e presente, que não mais existem, pois são o tempo todo transformados e traduzidos.

A obra de Bob Dylan pode ser considerada emblemática em vários sentidos, sua vertente vem das raízes do povo, do folk. Suas letras de cunho literário-político-filosófico-popular, se transformaram em hinos de libertação, embora o próprio Dylan se recusasse a admitir que fizesse músicas de protesto; a presença de uma temática humana, denunciando injustiças e violências seja a violência da guerra ou da própria índole humana, são o ponto fundamental de sua obra, por isso mesmo sendo tão representativas das relações sociais aproximou-o do movimento de esquerda na década de 60. São poesias engajadas, acompanhadas por um violão folk, numa batida peculiar da cultura musical popular norte americana, em sua obra se fundem a singularidade da cultura de um país, e a universalidade dos sentimentos e das relações do homem com o tempo. Por isso mesmo, a poesia universal do artista permanece, para se reconfigurar na obra de Zé Ramalho: *Ta Tudo Mudando*. (Novembro de 2008).

Barthes (1974) diz que o texto reconstrói a língua por meio da permutação de outros textos, de fragmentos de textos que existiram ou existem ao redor do texto considerado e dentro dele mesmo. Todo o texto é um intertexto por agrupar em si outros textos em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis, “através de um já-dito em relação ao qual toma posição”. No que diz respeito à música o que ela diz não é novo, já estava lá a espera de serem revelados sob uma nova ótica, a da projeção e identificação, é um trazido das vivências anteriores, de outras manifestações da arte, do imaginário e da sociedade.

Segundo a crítica musical Ana Maria Bahiana, (2008), em suas considerações sobre e nos trabalhos de Zé Ramalho no Cd e Dvd, *Ta Tudo Mudando*, esse diálogo entre os dois artistas é possibilitado pela cultura popular da narrativa poética:

As possibilidades de um paraibano de brejo da cruz ter algo em comum com um judeu norte-americano das planícies geladas do meio-oeste pode parecer insólita até que se realiza que ambos compartilham um profundo amor pela palavra cantada [...] Basta olhar para a Raiz de seus trabalhos - Zé Ramalho descobrindo repentistas e cordeleiros, Robert Zimmerman, ouvindo, na mesma época, talkin blues do sul mais profundo. Entre o cordel e o talkin blues

Maria das Dores Valentim Alves



estende-se uma ponte muito curta que tem em comum a cultura popular da narrativa poética, antiga como os vedas: a possibilidade de contar uma história, fazer um comentário, tecer considerações, evocar memórias, filosofar, delirar, usando uma base harmônica e melódica. Papiros, tabletes, runas-canções. (Bahiana, 2008, Encarte Cd Ta tudo mudando)

Toda obra de arte é por excelência “emblemática”, ou seja, composta de corpo, alma e espírito; sendo, pois, a exemplo da literatura, o corpo sua “textualidade”, a alma seu “mote” (tema), e o espírito a inventividade de seu criador. E esta inventividade se apresenta enquanto olhar (ou ponto de vista) do escritor que escreve para dar expressão artística à existência dos sentimentos humanos. Ismail Xavier (2005, p.87). Mas no caso de Bob Dylan, há que se considerar que além de poeta ele é também um compositor musical, um artista em sintonia com a cultura popular, a contracultura e também a cultura erudita, que da junção dessas cria suas obras musicais.

Partindo desse princípio, as personagens das obras aqui estudadas são personagens que, permanecem em nossa memória por meio das imagens construídas no meio social, espalhadas no mundo, reconhecidas pelos autores e leitores, pois são antes de tudo permanentes, decalques de vivências ulteriores. Bob Dylan é um ícone, representa, pois uma filosofia de vida que propunha a revolução dos costumes de sua época. Há que se considerar que na tradução se entrecruzam diversos fatores, que não há, pois, entre as obras de Dylan e de Zé Ramalho uma relação de “texto transposto” e de “texto original” no sentido domesticado dos termos. Há sim uma “criação original do tema”, de um tema que se desenvolve nos tempos e nos espaços. O que existe, de fato, é um conjunto de imagens de um tema que vive graças às interpretações, sempre diferentes das anteriores, sempre uma nova atualização, nova criação de sentidos.

Vários são os fatores que possibilitam uma recriação da obra, entre esses podemos destacar as possibilidades de cada meio de produção. Os conceitos do projeto social que se quer revelar e principalmente a posição do sujeito diante da leitura da obra, que pode romper ou não com os ditames vigentes, possibilitando assim a percepção de sua interferência naquilo que já existia. O Originário, portanto, não é em si a obra propriamente traduzida. A obra originária representa o reconhecimento e a descoberta de um fenômeno como um representante de conexões esquecidas da revelação de um tema, uma imagem (GAGNEBIN, 1994, p. 18).

O retorno de Bob Dylan aos seus antecessores poetas bem como o retorno de Zé Ramalho à poesia de Dylan, só foi possível pelo estabelecimento de uma nova ligação entre as

Maria das Dores Valentim Alves



obras retomadas e a re-criação literária, a tradução. O mesmo percurso segue o processo de construção de significação do passado, possível unicamente a partir das significações do único tempo que existe: o presente. A aproximação entre as obras só o foi possível por meio de uma “luta obstinada”, que consiste na transfiguração da continuidade e extração das palavras de seu fluxo confortável. Há que se “matar” a Origem para que uma nova obra possa vir a existir. Origem é, portanto, ao mesmo tempo e inseparavelmente, obra de destruição e de restituição, de dispersão, de reunião, de criação (Idem, p. 20). A tradução, portanto, consiste num processo de transgressão.

Nos dizeres de Octávio Paz

Nenhum texto é inteiramente original, porque a própria linguagem em sua essência já é uma tradução: primeiro, do mundo não-verbal e, depois, porque cada signo e cada frase é a tradução de outro signo e de outra frase [...]. Os estilos são coletivos e passam de uma língua para outra; as obras, todas enraizadas em seu solo verbal, são únicas. Únicas, mas não isoladas: cada uma delas nasce e vive em relação com outras obras de línguas distintas. Assim, nem a pluralidade das línguas nem a singularidade das obras significa heterogeneidade irreduzível ou confusão, mas sim o contrário: um mundo de relações feito de contradições e correspondências, uniões e separações. (PAZ, 2006, p. 5-13).

Assim: todos os textos são originais, porque cada tradução é distinta. Cada tradução é, até certo ponto, uma nova criação, desse modo, cada uma dessas versões de Zé Ramalho é uma nova poesia original.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- _____. **Questões de Literatura e Estética**. São Paulo: Editora da UNESP, 1994.
- BARTHES, Roland. **Novos Ensaios Críticos/O Grau Zero da Escritura**. São Paulo: Cultrix, 1974.



BENJAMIM, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura**. [Tradução Sérgio Paulo Rouanet]. São Paulo: Brasiliense, 1994.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Campinas, 1994.

LEITE, Sebastião Uchoa. **Jogos e Enganos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

PAZ, Octávio. **Tradução literatura e literalidade**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

PAZ, Octávio. **A Outra Voz**. São Paulo: Siciliano, 1993.

THOMAS, Dylan. **Poemas reunidos 1934 a 1953**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

XAVIER, Ismail. **O Discurso Cinematográfico**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FILMOGRAFIA

RAMALHO, ZÉ. **Zé Ramalho Canta Bob Dylan: Ta Tudo Mudando**. Brasil: EMI, 2008.

SCORSESE, Martin. **No Direction Home Bob Dylan**. Estados Unidos: Paramount, 2005.

DISCOGRAFIA

DYLAN, Bob. **The essential Bob Dylan**. Estados Unidos: Sony Music/Columbia Records, 2000.

RAMALHO, Zé. **Força Verde**. Brasil: Epic CBS/Sony Music, 1982.

RAMALHO, Zé. **Zé Ramalho Canta Bob Dylan: Ta Tudo Mudando**. Brasil: EMI, 2008.